

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO V—Número 1411

Sábado, 30 de Junho de 1923

PREÇO—20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de Impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

O abastecimento de água à cidade continua a ser irregular e a companhia limita-se a cobrar a água que não fornece aos seus consumidores.

A FALTA DE ÁGUA OS SENHORIOS CRIMINOSOS No Congresso Agrícola em Vizeu

Há questões tão revoltantes que a palavra não basta para exprimir a indignação que nos causam. A falta de água é uma delas. De que nos serve estar aqui a pôr pódras a descoberto, a arrancar a máscara ao sr. Carlos Pereira, director da Companhia das Águas, se as leis repressivas, os protestos indignados no parlamento, são apenas dirigidos contra os que morrem de sede?

A Companhia já obteve um aumento, sob o pretexto que esse aumento se destinava a cobrir as despesas resultantes das obras de reparação que o regular abastecimento da cidade exigia. Agora esboça-se já a ambição dum novo aumento, sob idêntico pretexto.

Ora, estes «trucs» reles, estas baixas manobras, tendentes apenas a estorquir o dinheiro da algeibra de cada um, ultrapassam em desvergonha todas as habilidades empregadas pelos conhecidos ladrões do processo do «conto do vigário».

Assim, a Companhia, sabendo que o povo está ansioso por água abundante, pergunta-nos:

«Querem um regular abastecimento de água? Paguem um novo aumento.»

A gente paga e a água não vem. O público sente-se roubado, protesta, barafusta. Aproxima-se a estação calmosa e o sr. Carlos Pereira manda fechar a água. Alarma na cidade, correrias para o chafariz, a água pingando custosa de uma ou outra bica... Não há água? Porquê? «Porque a Companhia não tem dinheiro para mandar fazer nas canalizações as reparações necessárias» — diz o sr. Carlos Pereira.

«Porque a Companhia pretende apenas extorquir dinheiro à população!» — exclamamos nós.

E andamos nesta dança há três anos. Os governos, se se tratasse duma justa reclamação dos consumidores já a teriam resolvido com os sabres da polícia, mas como se trata duma poderosa companhia e do sr. Carlos Pereira, monárquico disfarçado, deixa correr tudo, com um desdém admirável.

As classes operárias, principalmente as que habitam os pontos mais altos da cidade, estão descontentes. E a União dos Sindicatos Operários de Lisboa, seguindo as indicações populares, será, mais uma vez levada a tomar conta do caso. A secção mista do Alto do Pina, promoverá um comício amanhã, na quinta da Cruz, para tratar do momento problema da falta de água; e o povo daquele bairro, cuja indignação é notória, fazendo-se representar largamente nesse comício, fará sentir aos poderes públicos e à Companhia, que a presente situação não pode manter-se.

EM COIMBRA

Consequências

do golpe de morte que a república deu numa instituição digna da simpatia de todos

aproveitando-se das democráticas asneiras

COIMBRA. Não é Coimbra uma cidade que, desde o tempo dos romanos, tem sido o berço de grandes homens e de grandes feitos? Não é Coimbra uma cidade que, desde o tempo dos romanos, tem sido o berço de grandes homens e de grandes feitos? Não é Coimbra uma cidade que, desde o tempo dos romanos, tem sido o berço de grandes homens e de grandes feitos?

Um caso interessante que a Batalha já revelou em artigos vários, mas que ainda falta esclarecer o final de todo esse negócio de lugares rendosos. Está certo o assunto entregue a quem de direito compete fazer a sua defesa, mas o principal, isto é, o assunto que foi esquecido e que é resultado desse cambalacho agita-se na sombra, e, pouco a pouco vai aparecendo à luz clara do dia.

É sabido, que os monárquicos-católicos-jesuítas, todas as vezes que se lhe oferece a ocasião mechem os pausinhos e tudo e todas as coisas lhes servem para iniciarem o seu trabalho.

Com o enfraquecimento da assistência aos desvalidos e inocentes que são vítimas da sociedade burguesa, vão os papos-santos da religião estendendo as suas garras aducias de sicários de Lóiole, e arrebanhando consciências frágeis do cidadão, fanatizando-as, obsecrando-as nesse absurdo da religião-jesuítica.

Oferecem pelo seu milagre de captar simpatias, algumas peças de vestuário, umas lambareirinhas e os competentes santinhos às crianças que a família ignorante, ou envenenado o recado pelo padrao da freguesia, para lá mandam emprender alguma coisa.

Satisfazer as crianças que a Mãe-Madrega da sociedade capitalista aniquila pela fome, isto é, dar-lhes algumas sopas, suavizando-lhes as dores físicas de que sofrem é sem dúvida humano e merece o nosso apoio. Mas, aproveitar esse momento e desvirtuar a ação, obrigando as crianças a rezar, dando-lhes santinhos para fazer despertar nelas o amor à infâmica e impostora igreja, ensinando-lhes a religião-jesuítica, tendo por chamarras as sopas que lhe dão, isto constitui o mais infame e abjecto propósito de corrupção aos seres que mal despertam para a Vida, lhes ensinam logo a mentira e a hipocrisia.

O operariado da Covilhã, abandonando novamente o trabalho opõe-se energicamente a um crime dum senhorio

Na Covilhã, os senhorios tem sido contidos em respeito pela energia do proletariado. Este não lhes tem permitido praticar as infâmias que em Lisboa dia a dia se praticam. Quando algum ganancioso pretende arremessar para a rua alguma família, o povo trabalhador reúne-se e opõe-se a tal barbaridade.

Os senhorios tinham medo. Agora, como tomassem o regresso dos grevistas a trabalho por fraqueza e aniquilamento dum classe poderosa, quizeram abusar, aproveitar o momento para cometer impunemente os seus crimes.

Enganaram-se, porém, porque o proletariado da Covilhã está disposto a não consentir que se pratiquem crimes revoltantes e possui ainda a energia suficiente para se defrontar com os maiores criminosos da época que decorre. A correspondência que acabamos de receber, prova exuberantemente que o operariado da Covilhã conserva o mesmo moral e energia de sempre.

COVILHÃ, 28. — C. — De há muito que os senhorios desta terra, como os de toda a parte, afanosamente trabalham para que as suas malandrinhas ambições sejam saciadas.

Mas o proletariado covilhense, embora bem recentemente tivesse agitado uma formidável luta contra a desumanidade do patrão e o despotismo de uma autoridade, não exgotou ainda as suas energias, pronto estando a empregar-se sempre que a justiça o aconselha, conforme o demonstrou hoje.

A's 11 horas, quando as oficinas se encontravam no auge do exaustivo labor, soui estridente o alarido do sindicato têxtil. Os operários de todos os ramos de indústria, obedecendo com disciplina às consciências às resoluções tomadas em tempo numa grande reunião, abandonaram imediatamente o trabalho e juntaram-se na Casa do Povo, para deliberarem o caminho a seguir em face da prepotência cometida por um senhorio, um tal José Tavares, proprietário de uma casa de frente do quartel da G. N. R., o qual arranjou

uma casa de frente do quartel da G. N. R., o qual arranjou

uma casa de frente do quartel da G. N. R., o qual arranjou

uma casa de frente do quartel da G. N. R., o qual arranjou

uma casa de frente do quartel da G. N. R., o qual arranjou

uma casa de frente do quartel da G. N. R., o qual arranjou

uma casa de frente do quartel da G. N. R., o qual arranjou

uma casa de frente do quartel da G. N. R., o qual arranjou

uma casa de frente do quartel da G. N. R., o qual arranjou

uma casa de frente do quartel da G. N. R., o qual arranjou

uma casa de frente do quartel da G. N. R., o qual arranjou

uma casa de frente do quartel da G. N. R., o qual arranjou

uma casa de frente do quartel da G. N. R., o qual arranjou

uma casa de frente do quartel da G. N. R., o qual arranjou

uma casa de frente do quartel da G. N. R., o qual arranjou

uma casa de frente do quartel da G. N. R., o qual arranjou

uma casa de frente do quartel da G. N. R., o qual arranjou

uma casa de frente do quartel da G. N. R., o qual arranjou

uma casa de frente do quartel da G. N. R., o qual arranjou

uma casa de frente do quartel da G. N. R., o qual arranjou

uma casa de frente do quartel da G. N. R., o qual arranjou

uma casa de frente do quartel da G. N. R., o qual arranjou

uma casa de frente do quartel da G. N. R., o qual arranjou

uma casa de frente do quartel da G. N. R., o qual arranjou

uma casa de frente do quartel da G. N. R., o qual arranjou

uma casa de frente do quartel da G. N. R., o qual arranjou

uma casa de frente do quartel da G. N. R., o qual arranjou

De mistura com algumas teses de alcance, atacam-se rudemente as classes operárias e defendem-se dois despotismos: o despotismo da Lei e o despotismo da Propriedade

O segundo Congresso das Federações agrícolas, que para a imprensa engrandecer em reportagens largas de declamação, desperdiçou-nos algum interesse.

Havíamos lido as teses a debater, e desde logo se nos acendeu a curiosidade, pois que nelas encontramos pontos desse altruismo fictício a disfarçar intuitos de interesse particular.

E lá fomos. A assistência era luzida, semi-protocolar; um ministro, oficiais do exército, condes e viscondes, lavradores, proprietários, engenheiros, agrónomos — não faltando a sombra fantasmagórica do bispo de Vizeu, como decoração indispensável a tal conjunto de pessoas bem alimentadas e bem vestidas.

Discursos e discursos. Necessidades, ambições, egoísmo, regionalismo, retórica... verbosidade, — de que não colheamos nada, pois que os leitores facilmente adivinharam o folego de tais pradores, no proverbio conhecido: «cada qual puxa a brasa à sua sardinha».

Ouvimos com interesse, todavia, o discurso do sr. Masqueroncelos, delegado da Confederação Católica Agrária de Espanha, que serviu de testa a quasi toda a orientação do congresso.

Regular figura de tribuno habituado, o governo para atacar a comparticipação dos lucros; atacou-se a emigração para atacar a liberdade humana — tudo na patriótica intenção de defender interesses particulares; somente, simplesmente.

Concluiu-se que o operariado é a causa de todos os males. A concepção filosófica do congresso foi o aumento da produção pela violência e pela fome. — Que bel motivo para uma peça de Mollière!

Mas não se ergueu um grito de protesto contra a especulação bancária, nem um clamor de piedade pelos deserdados.

E, numa pobreza de conceitos sociais, sancionou-se a redução do tempo do serviço militar para todos os servos da agricultura; alvitram-se muitas para

os emigrantes; aprovaram-se fundações de escolas agrícolas; condenou-se o aumento de salários; obstruiu-se a fiscalização da Pulverização de Propriedade (tese do dr. Ricardo Pais Gomes); declarou-se aberta beligerância contra o proletariado; louvou-se a educação religiosa; — rosário de incoerências e tiranias.

Se aqui surgia um assomo de altruismo, acolá levantavam-se tempestades de ódio.

Foi isto o congresso, das federações agrícolas. Como responderá a classe trabalhadora a religiões como esta?

Lembra-nos a frase de Gomes Leal: com a guerra contra a guerra: — a guerra pela paz.

Inácio Vaz da CRUZ

UMA GREVE FORMIDÁVEL

A paralização geral dos operários da indústria de transportes de Barcelona

20.000 operários em luta

Desde os meados de Maio findo, que todo o proletariado dos vários ramos de transportes se encontram em greve, encontrando-se por este motivo paralisados os serviços de carga e descarga do porto marítimo, condutores de carroças, «chauffeurs» de camións de carga, bem como os operários de transporte de veículos de limpeza da cidade.

Esta greve mostra, que apesar de ter já um mês de duração, continua indefectível, por parte de todo o proletariado de transportes, não tem a menor ideia o critério certo e por vezes escabrosa do aumento de salários, mas sim, vias a fazer cumprir pelo patronato o estabelecimento do horário de 8 horas além de outras regalias de carácter moral.

Logo de início, a greve assumiu um carácter de bastante gravidade, em virtude de os industriais de transportes, por intermédio da Federação Catalã, em vez de irem ao encontro das aspirações do proletariado em greve, se manterem numa atitude de completa intransigência e, por vezes, usando do insulto, como fosse a declaração, perante as autoridades, de que eles não desejavam tratar com os delegados operários, por reconhecerem nêles um bando de assassinos, quando é certo, que a eles lhes cabe bem esse epíteto, visto que tem sido as organizações patronais que fomentando a criação dos *Sonantes* e dos sindicatos livres, directamente influenciaram para que as ruas de Barcelona e de outras localidades de Espanha tenham sido teatro dos mais repugnantes e cobardes assassinatos de trabalhadores honestos.

Como consequência natural da greve, começaram faltando ao comércio e nos mercados, os produtos essenciais à população barcelonesa, e muito especialmente o comércio começou reclamando providências ao governo para ser abastecido dos artigos que lhe estavam faltando e ser feita a necessária limpeza da cidade, visto que, as ruas, com manifestos perigo da saúde pública, começaram a ser depósitos de formidáveis estruturas.

Ante a gravidade do problema, o governo nomeou, em princípios do mês corrente, um político da classe civil, para governador de Barcelona, o qual procurou, como mediador, aproximar as duas partes em litígio no sentido de chegarem a uma solução. Porém, a sua acção é nula, porque, a Federação patronal, que tem desde o início da greve, envidado os seus esforços para que o governo da cidade fosse entregue a autoridade militar, certamente no intuito de, pela força das armas, submeter os operários às suas prepotências, não

recebe de bom grado a nomeação deste político, trata de lhe boicotar a pouca acção que ele poderia desenvolver, por esse motivo, as desinteligências entre o poder civil, e o poder militar; este, personificado na pessoa do reaccionário capitão general da Catalunha, Marquês de Estella.

A Federação Patronal pôe de parte o governador civil e, dirigindo-se ao comandante militar faz-lhe entrega de um extenso memorial, com várias conclusões, que oferecem aos grevistas base para a solução do conflito e que, por serem interessantes, e no sentido de elucidar o proletariado da nossa região, passo a transcrever:

1.º A contratação livremente dos operários que lhes apetecer, podendo os contratos serem feitos individualmente, ou por *equipes*, sem distinção de filiação em determinados sindicatos.

2.º A aceitação, por parte dos grevistas, da regulamentação do trabalho, reconhecendo como base, a autoridade do patrão, para organizar e dirigir o trabalho.

3.º Proibição absoluta de toda a classe de coizações nos locais de trabalho.

4.º Continuarem nos seus postos os operários que actualmente se encontram trabalhando.

5.º O trabalho ser exercido com o número de operários que as suas conveniências industriais determinarem.

6.º A jornada de trabalho ser de 60 horas semanais, sendo pagas as que excedam, pelo preço anteriormente à greve estabelecido.

7.º Os condutores de carroças e carregadores e descarregadores do café, quando intervenham nos trabalhos do porto, fariam as horas que fossem precisas.

8.º O horário estabelecido ter começo às 7 horas da manhã.

9.º A entrada para as suas ocupações ser feita mais cedo que a hora marcada.

Os grevistas, ao tomarem conhecimento deste documento, por convite do Sindicato Único apressaram-se a reunir, tendo repudiado o mesmo documento, e votando a mais completa confiança aos comités dirigentes da greve.

Os objectivos de a Patronal, ao impôr aquelas condições deprimentes, claramente ressaltam a vista do menos observador:

1.º Pretendiam obrigar os grevistas a aceitarem no seu seio os energúmenos filiados no Sindicato Livre.

2.º Coartar aos Sindicatos Unicos

Federação Metalúrgica

Solidariedade aos grevistas metalúrgicos

Há 3 longos meses que se encontram em greve os camaradas oulives do Pôrto, e há cerca de 50 dias que em greve se mantêm os camaradas soldadores de Olhão, o que quer dizer que há lares lutando com a miséria e crianças inocentes a quem a maldade dos homens nega o pão nosso de cada dia.

Para que estes denodados lutadores não desfaleçam vencidos pela miséria, esta Federação apela, para que os metalúrgicos de todo o país, quer nas fábricas, oficinas ou «ateliers», abram quetes em seu favor, e que devam ser enviadas a este organismo.

Solidariedade! Solidariedade, pois, em favor dos grevistas.

Vêr na 4.ª página: Agenda de «A Batalha».

Ler amanhã

o novo folhetim de «A Batalha»:

História dum cavaleiro de autoria do apreciado e querido escritor russo

Leão Tolstói

O automóvel rifado

É pôsto hoje em exposição

A comissão pró-A BATALHA, de Lisboa põe hoje e dias seguintes em exposição o automóvel que rifou pela loteria de 16 de Junho, em auxílio de A BATALHA.

Todos os camaradas e amigos que desejem ver o referido carro podem-no fazer na Rua das Escolas Gerais, 55 e 57 (oficina junto à curva do eléctrico).

Amuo imperialista

ROMA, 29. — A imprensa italiana mostra certa estranheza pelo facto de a França na discussão do problema de Tanager não ter em consideração a situação da Itália como potência do Mediterrâneo.



A questão internacional

Resposta dos sindicatos federados à circular n.º 32 da C. G. T.

Pedem-nos a publicação da seguinte carta:

Camarada redactor de «A Batalha».

No número de hoje de «A Batalha», na nota onde se acusa o resultado das respostas dos Sindicatos à circular n.º 32 da Central, lê-se que a «Associação dos Compositores Tipográficos de Lisboa» comunicou à C. G. T. abster-se de votar, por não concordar com qualquer das internacionais existentes.

Como presidente da assembleia geral do Sindicato dos Compositores, cumpro-me desfazer um equívoco, e a isso venho. A Associação dos Compositores não se absteve de votar, mas ao contrário, votou contra a adesão a qualquer das internacionais, o que é diferente, e no documento aprovado em assembleia, e de que envio cópia à C. G. T., fundamenta largamente a razão do seu voto.

Mas votando contra a adesão a qualquer das internacionais, propunha uma ligação com a C. N. T. de Espanha, e isso é que não consta da referida nota de A Batalha.

E' que abstenção significa indecisão, isto é, ausência de opinião, e tal caso não se verifica em relação ao meu Sindicato, que se pronunciou com clareza.

Para evitar erradas interpretações, rogo-vos, pois, camarada redactor, que façais publicar o presente esclarecimento no primeiro número do órgão operário.

Saldações sindicatistas.

29-6-923.

Alexandre VIEIRA (Presidente da Assembleia Geral)

A contribuição industrial

A Comissão de Melhoramentos dos Camiões de Lisboa, em sua reunião de ontem, apreciou a regulamentação da lei 1.368, na parte que diz respeito à contribuição industrial dos empregados no comércio e indústria.

Ponderando que tal contribuição não pode ser suportada pela classe, por que constitui um agravamento às suas já bem penosas circunstâncias, resolveram convocar uma reunião magna dos mesmos empregados para resolver a atitude a tomar para serem exceptuados daquela tributação.

A NOVA ORGANIZAÇÃO DOS CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO

Os ferroviários do Sul e Sueste pedem a imediata suspensão do diploma ultimamente publicado

BARREIRO, 28.—Em assembleia magna reuniram ontem os ferroviários do Sul e Sueste, a convite do respectivo sindicato.

Com a ampla sala de sessões da Casa dos Ferrovários repleta, abriu a sessão, pelas 21 e 30 horas, o ferroviário João Rodrigues Junior, que presidiu, secretário pelos ferroviários Carlos de Azevedo e Miguel Proença. Foram lidas as credenciais de linha, do pessoal que não pôde comparecer, contendo centenas de assinaturas protestando todos contra a organização e dando todo o apoio necessário às resoluções que a assembleia tomasse. Estavam representadas directamente as delegações de Faro, Casa Branca, Beja e Lisboa.

Em assunto prévio, o ferroviário Miguel Simões saudou os novos delegados à Caixa, pelo triunfo que obtiveram e propôs uma saudação colectiva que a assembleia sublinha e aplaude com entusiasmo.

Miguel Correia, em nome dos delegados eleitos, agradece por mera cortezia—diz— a saudação, que não aceita para si nem para os seus colegas, porque não foram eles que triunfaram mas unicamente o Sindicato por quem a classe mais uma vez se manifestou.

Depois de serem discutidos vários assuntos, entra-se na discussão da Organização da Direcção Geral dos Caminhos de Ferro do Estado.

Analisada detidamente em conjunto com a acção dos dirigentes que a inspiraram e com a incoerência do seu principal autor, as suas disposições foram violentamente atacadas, sendo por fim apresentada a seguinte moção que, depois de discutida, foi aprovada por unanimidade com extraordinário entusiasmo:

Considerando que a Organização da Direcção Geral dos Caminhos de Ferro do Estado, agora, publicada, constitui uma violação contra os 12.000 ferroviários que pertencem aos mesmos Caminhos de Ferro, pelo espírito ditatorial que a caracteriza, não admitindo um estudo prévio às disposições que alteram as situações do pessoal sob todos os pontos de vista;

Considerando que toda a legislação publicada depois da intervenção militar de 20 de Setembro de 1920 foi abolida por violenta e irritante quando era inferior em violência à actual organização;

Os ferroviários do Sul e Sueste resolvem:

Solicitar do governo a suspensão da execução desse diploma até que uma comissão de ferroviários do Sul e Sueste e Minho e Douro apresente a nota das alterações à mesma para a tornar aceitável e útil não só aos ferroviários como ao serviço;

Que a comissão de demarches dos ferroviários do Estado apresente ao governo essa solicitação;

Que se mantenham as reclamações económicas apresentadas em 9 do corrente ao governo;

Que o Conselho Técnico Sindical estude as reclamações referentes a cada serviço e que na assembleia seguinte seja eleita uma comissão composta por cinco membros para organizar e completar essas alterações.

Sobre uma saudação que o novo administrador geral dos Caminhos de

as regalias conquistadas com o estabelecimento dos Comités.

3.—Destruição da Organização Operária pela proibição da cotização sindical.

4.—Levar os operários ao vexame de não se recusarem a trabalhar com os filiados no Sindicato Livre, que agora, atada que em pequeno número, está atirando a greve.

5.—O estabelecimento do dia normal de 10 horas de trabalho, sendo as horas suplementares margem para que este horário com o tempo fosse elevado a 12 ou 14 horas.

6.—Terem a liberdade de lançar à rua os operários que lhes apetece.

7.—Levar os operários a em determinado momento atirarem os seus camaradas da mesma indústria, mas de trabalhos diferentes.

8.—Claro que aquelas condições só poderiam ser aceites se os nossos camaradas barcelonenses tivessem perdido a noção da dignidade colectiva, e por as considerarem uma afronta, em um comício onde estavam mais de 12.000 grevistas, foi resolvido prosseguir na greve até à consecução das suas reclamações.

Em consequência das combinações existentes entre a Federação Patronal e o Comando Militar, o governador civil considera-se desautorizado, e a desistência entre as duas autoridades mais se acentua, porque aquele, satisfazendo aos planos sinistros da patronal, pretende levar os grevistas de vencida pela força, ao passo que o governador civil entende que o conflito poderá ser levado de modo a não excitar a opinião pública.

O governo conhecedor desta desinteligência, chama as duas autoridades a Madrid, e no regresso destas a Barcelona mais uma vez se manifesta os instintos bellicosos perversos da Patronal, distribuindo a classe industrial o seguinte convite:

«Rogamos aos elementos industriais que, pelo motivo da chegada do sr. capitão-general, vão hoje à estação de França, às 9 horas, para apoiar moralmente os interesses dos industriais de transportes.

Quando seja conhecida a chegada do governador civil, entendemos conveniente fazer uma manifestação em sentido contrário.—A Federação Patronal Catalã.

Por este pequeno período se observa que é intenção da Patronal fomentar em Barcelona uma nova semana sangrenta. Porém, o proletariado em greve resiste heroicamente aos desmandos dos políticos espanhóis e às prepotências da Patronal, prosseguindo na luta com uma coesão digna de registo e que bem pode servir de exemplo ao proletariado da nossa região.

O 19 de outubro

Foram ontem condenados 2 oficiais de marinha

Terminou ontem no Tribunal de Santa Clara o julgamento dos oficiais que se encontravam no Arsenal de Marinha na noite de 19 de outubro.

O último advogado fez rapidamente a sua trépica.

Finalisa a seguir a discussão do caso, tendo-se passado à leitura dos quesitos em número de 50.

O capitão de fragata sr. Freitas Ribeiro, defensor do almirante sr. Camaral Leme, requer, ao abrigo do artigo 257.º do C. P. C. M. que o primeiro quesito seja desdobrado da seguinte forma: «Está ou não provado que o meu constituinte se encontrava desarmado e à paisana no Arsenal de Marinha na noite de 19 para 20 de outubro?»

O juiz auditor sr. dr. Ribeiro Castanho, entre outros considerados, declara que o facto do sr. Camaral Leme estar à paisana em nada o inibia do cumprimento dos seus deveres disciplinares, como consta do artigo 5.º do Regulamento da Armada.

O presidente, conformando-se com os pareceres do auditor e do promotor, indefere o requerimento da defesa.

Às 14 horas, o general Camacho entrega ao presidente do júri 24 folhas de papel alçado com 50 quesitos.

Mais uma hora depois, sabe-se que o júri pronunciou o seu veredicto.

O secretário tenente sr. Gama procede à leitura da sentença que absolve os arguidos: Manuel Gonçalves, António Augusto Moreira, José Júlio dos Santos, José Luís e sargentos Paulo Dias Gigante e Lino dos Santos. Estes oficiais receberam a sentença impassíveis.

São condenados: O almirante, sr. Camaral Leme em 10 dias de prisão disciplinar e o capitão de fragata, sr. Luís Ramos em 18 meses de prisão em presidio naval, à qual são deduzidos 9 meses e 6 dias de prisão preventiva já sofrida, ficando assim a pena que o réu tem ainda de cumprir reduzida a 8 meses e 24 dias de prisão naval ou em alternativa de 13 meses e 6 dias de presidio militar.

Estes dois oficiais recorreram da sentença.

AS CREANÇAS

Fracas de nascença ou as que tem o organismo enfraquecido por doenças que tiveram, as que tem falta de apetite ou são pálidas, as que se encontram em convalescência de qualquer doença grave e, em geral, todas as crianças raquíticas, escrofulosas ou linfáticas, devem tomar o «Adipol», tónico excelente para crianças, preferível às emulsões e ao óleo de fígado de bacalhau, pelo seu gosto agradável e pelas suas superiores propriedades tónicas.

O «Adipol» acelera a nutrição, estimula o apetite e facilita a digestão. Todas as crianças, seja qual for a idade, podem tomar o «Adipol»: ele não contém substâncias que irritem o estômago ou os intestinos.

Frasco, 10000. Correo, mais 2500.

Depósito geral: Farmácia Monteiro, Avenida Fontes Pereira de Melo, 13-A e 13-B, Lisboa. Telefone 2041, Norte.

Ferrovários da C. P.

Várias conferências inter-sindicais

Constantando o Sindicato Ferroviário a necessidade de robustecer devidamente a respectiva classe que nos últimos tempos vem demonstrando novamente vontade em reorganizar-se, se bem que ainda esteja ressentido-se de vários motivos que a fizeram perder aquela vitalidade indispensável ao consequimento das reclamações morais e económicas formuladas, vai este organismo realizar em vários pontos das respectivas linhas, diversas conferências inter-sindicais.

A de Lisboa será realizada amanhã, dia 1, pelas 11 horas, devendo-se efectuar em seguida no Setil, Cascais, Entrecampano, etc.

Nestas conferências serão debatidos assuntos tendentes ao levantamento da organização e outros de reconhecida importância moral.

A conferência de Lisboa assistirá contribuído certamente para o estabelecimento de uma homogeneidade de vista entre todos os camaradas ferroviários da C. P. e darão o resultado desejado.

Fazendas para homem e senhora

Vende VIRGILIO ARRAIANO COVILHÃ

CAMARA MUNICIPAL

Concertos populares

Em virtude do parecer favorável da comissão de Obras Públicas é aprovada a proposta em tempos apresentada pelo sr. Alexandre Ferreira, para a Câmara intervir junto dos sr. ministros do Interior, da Guerra e da Marinha, para que as bandas da guarnição de Lisboa, intensifiquem os concertos populares de forma a tornarem-se frequentes e em vários pontos da cidade e ainda para que a repartição competente estude urgentemente um plano não de alargamento dos coretos e cercas como também a construção de novos, principalmente nas partes ajardinadas dos bairros populares. A comissão de Obras Públicas entende que se deve começar pelo alargamento dos principais coretos da capital, como sejam os da Avenida da Liberdade e Jardim da Estrela de forma a poderem nelles alojar-se as mais importantes bandas regimentais.

Extinção do quadro do pessoal menor e jornalista dos cemitérios

Foi aprovada por unanimidade uma proposta do dr. sr. Alfredo Guizardo, para se extinguir imediatamente o quadro do pessoal menor e jornalista dos cemitérios, ficando os actualmente nelles colocados com os direitos que lhe são reconhecidos pelo Código Administrativo.

Fazendas para homem e senhora

Vende VIRGILIO ARRAIANO COVILHÃ

A BATALHA

NACIONAL Telef. N. 3049

HOJE, 30

Segunda representação da peça em 3 actos, original de João Bastos e Henrique Roldão

A VIUVA GOMES

desempenhada por toda a nova companhia

AS GREVES

Classes gráficas

Encontrando-se em luta o pessoal das casas Libânio da Silva e Anatório Commercial, que apesar de possuídos do melhor espirito de luta, necessário se torna que os componentes das classes interessadas neste movimento lhes prestem toda a solidariedade moral e material animando-os assim para que prosigam ainda com mais energia na conquista das reivindicações que ora defendem, que são as de todos, pois não será difícil conseguir aquilo que desejamos se nos comprometarmos dos nossos deveres.

Hoje, das 17 às 22 horas, encontram-se na sede, membros da comissão para receberem as cotizações ou quaisquer informações. Torna-se também indispensável a comparencia dos camaradas em greve.

Operários texteis

Os operários do Dáfundo e Campo Pequeno, reunidos para apreciar as «demarches» efectuadas pela U. S. O., resolveram aceitar a equiparação nos salários proposta pelos industriais e retomar o trabalho na próxima semana.

Operários cerâmicos

Em assembleia magna reuniu a classe para apreciar a marcha do movimento, tomando conhecimento das «demarches» efectuadas junto dos industriais que, apesar da resistência manifestada por alguns, em não atenderem a reclamação de aumento de salário, já uma grande parte resolveu aceitá-la e atendê-la.

A assembleia deliberou que não reconhece a laboração sem que os restantes industriais satisficam as reclamações.

Foi encerrada a sessão no meio do maior entusiasmo e soltos vivas à greve. A classe volta a reunir na segunda-feira, pelas 20 horas.

O comitê do movimento constata com satisfação o «espirito de solidariedade» em que se mantêm os cerâmicos e aconselha a maior firmeza até consecução total das reclamações.

Foram ontem postos em liberdade os operários grevistas que se encontravam presos no Governo Civil.

NO PORTO

Ouvires de prata—A acção em seu favor exercida pelo Sindicato Unico Metalúrgico de Lisboa

Por entendimento entre os Sindicatos Metalúrgicos de Lisboa e Porto começou exercendo-se um permanente acção a fim de abreviar a solução da greve dos ouvires portueses.

Por intermédio da Comissão de Melhoramentos do Sindicato Unico Metalúrgico de Lisboa, a quem o assunto foi entregue e recomendado, realizou-se anteontem na sua sede a primeira de uma série de reuniões da especialidade dos ouvires de prata de Lisboa, para se estabelecer a forma mais prática de prestar a solidariedade aos camaradas do Porto.

Depois de lido vário expediente, vindo do Porto, de a Comissão de Melhoramentos ter feito uma longa exposição sobre o assunto, foram apresentados diversos alvites e tomadas resoluções de carácter reservado, tendo sido nomeada uma comissão que ficou composta pelos camaradas Pinheiro da Rocha, Américo de Moraes e Pereira Braga, a fim de conseguir que toda a especialidade dos ouvires de Lisboa prestes o auxílio moral e material aos seus colegas portueses em luta.

Esta comissão ficou também com a incumbência de diligenciar obter a colocação em Lisboa de mais alguns camaradas do Porto, além dos que já se encontram colocados, que são em número de dez, ficando em contacto com a Comissão de Melhoramentos do Sindicato, para que a acção em favor dos grevistas seja consensual com as normas colectivas.

Ficou mais resolvido, realizar na próxima quarta-feira, uma reunião da especialidade dos ouvires e ficar em constante correspondência com o Sindicato Unico Metalúrgico do Porto.

Um apelo do S. U. Mobiliário

Secundando o apelo da Federação Metalúrgica, o Sindicato Unico Metalúrgico de Lisboa, apela para a solidariedade de todos os metalúrgicos, a fim de que hoje em todas as oficinas abram quotas a favor dos grevistas ouvires de prata do Porto e soldadores de Olhão, pois que os primeiros já se encontram em luta com o patronato há perto de quatro meses e os segundos há 50 dias.

E' de esperar, pois, que a classe metalúrgica auxilie essas camaradas para que não baqueiem na luta.

EM VALONGO

Os mineiros reunidos, resolvem continuar a luta—Um industrial que pretende tornar-se célebre

VALONGO, 28.—C.—Apesar de uma absoluta falta de preparação, os mineiros mantêm a sua greve sem uma única nota de fraqueza, até hoje. Nem um só operário se encontra trabalhando, apesar de quasi todos se acharem a braços com a mais crua miséria.

Nos perguntamos a nós próprios como é possível fazer face aos encargos tremendo de sustentar uma família com o mísero salário de 6500!

Mas, confessado por alguns dos seus algozes—a maioria desta gente não tem sequer cama para dormir!

Vivem na mais repugnante promiscuidade em paróquias onde dia a dia, sentem o organismo depauperar-se à míngua de tudo.

Nem sequer por comiseração, por dó, para com os inocentinhos que rodeiam os trabalhadores, os industriais atentam neste lençol de miséria!

Todos se servem agora do pretexto de que não dáviam os operários lançar-se em greve sem que primeiramente formulassem as suas reclamações. Até certo ponto, isto parece aceitável. Mas, cá por falta de base, este argumento, porquanto nenhum desconhecia as necessidades dos trabalhadores das minas, como todos sabiam que de há muito já a classe se queixava de que lhe era impossível viver assim.

E, dizemos que todos o sabiam porque a nós isso foi confirmado por aqueles que ouviram no seio dos industriais. Analisemos, porém, a questão presente, para que possamos, por à mostra as pústulas das palavras criaturas, cujo carácter acaba de, clara e insuflavelmente, ser posto à prova como este movimento, tendo ficado muito aquém da meta do sofrível sequer.

Jacinto de Oliveira, ex-operário da Companhia dos Tabacos, republicano radical (l), hoje industrial minúsculo, acaba de nos dar mais uma prova do que valem as afirmações, quando é necessário que os actos falem.

Já o vimos fazer discursos entre operários. Declarar alto e bom som que seria um soldado firme da revolução social, sendo sua aspiração mais querida, que ela—a revolução—estalasse amanhã. Mas não ficou por aqui.

Jacinto de Oliveira, já cometeu actos de sabotagem graves, para ver se fazia virar uma revolução política da sua facção. Fiz, mais, muito mais, mesmo mais hoje ficamos por aqui.

Vamos ver o que este senhor faz agora quando a greve mais legítima, mais leal, do que as conspirações em que tem entrado, estala. E' o mais feroz, o mais perigoso dos inimigos dos grevistas.

Armado em autoridade administrativa—oh inconcebível tração—faz requisição de forças—cavalaria, muita cavalaria e não sabemos se também artilharia—e vai, feito oficial de diligências pela porta dos industriais comunicar que vai mandar tantas praças para a sua facção!!

Sr. Jacinto de Oliveira, seja coerente, porque sendo obrigados a dizer mais, a mostrar-lhe como o sr. está incomensuravelmente mais deslocado do seu campo do que aqueles que tem atacado por não pertencerem ao seu partido político.

Tenha calma, para não nos obrigar a fugitar sem piedade às incoerências de um homem com quem ainda ontem mantínhamos boas relações amigáveis por o supormos como se afirmava.

A greve há-de terminar, e os operários não resterão como cachorros, conforme o senhor afirma.

Se houver necessidade de interromper a luta por ela ter principiado com precipitação, achamos conveniente não brincar com o fogo.

Os operários estão a esta hora reunidos ouvindo os delegados do Comité Confederal do Norte, sendo convicção nossa que o conflito não se prolongará por todos lhe haverem reconhecido inteira razão.

E' possível que no comício de domingo sejam tomadas resoluções definitivas sobre o caminho a seguir no caso de resistência dos industriais.

EM OLHÃO

Operários da Construção Civil

OLHÃO, 28.—Continua no mesmo pé o conflito desta classe, com uma energia inquebrantável, que bem demonstra ao sr. João Ventura, o dono da associação industrial, que se enganou nos seus planos metendo-se onde não era chamado, só porque pretende também ser dono desta vila, provocando o povo trabalhador.

Os operários desta classe já não se submetem às ordens de qualquer fancho que pretende criar vaidade—e para prova aí está meia dúzia de operários que se quer arvorar em mestres e empreiteiros, que pretendem travar a desordem com o único fim de levar esta classe para o abismo, e afinal as suas palavras caíram por terra, porque acabou por triunfar o verdadeiro sindicalismo revolucionário, clamando a massa operária unanimemente o levantamento da ferramenta.

Espera-se que a organização do país informe por cada localidade quantos operários se podem colocar fora da vila, uma vez que é a única forma de não se ter o contracto com a autoridade administrativa que só faz o que o sr. João manda, avisando-se de novo que não venha operário algum para aqui.

Importantes resoluções do Sindicato de Lisboa

Para apreciar a greve dos operários da Construção Civil de Olhão, reuniu a comissão administrativa da Bolsa de Trabalho e Solidariedade do S. U. de Construção Civil de Lisboa, resolvendo enviar para várias localidades a fim de ser informada sobre a carência de operários da indústria e poder assim ir arranjando trabalho para os grevistas daquela vila, medida esta que muito contribuirá para a vitória.

Resolviu também lembrar a todos os camaradas, por este meio, o dever de não irem trabalhar para Olhão antes que o conflito se resolva com vitória para os camaradas em luta.

Trabalhadores.

Lede A BATALHA

NOVA REVISTA
A'manhã no
EDEN
Duas sessões às 8.30 e 10.30
Caldo Verde
Bilhetes à venda

COLISEU DOS RECREIOS
A'manhã às 21.30
Domingo, às 21.30
Um único espectáculo com
— a opereta em 3 actos —
O BRASILEIRO PANCRACIO
Geral 2\$00

VIDA SINDICAL
C. G. T.
Reforma do ensino
Para apreciar o projecto de lei sobre a reforma do ensino, reúne hoje, pelas 21 horas, o comité confederal

Ultimas noticias
A greve de Barcelona
O auxilio dos operários russos
MOSCÓVIA, 29.—O conselho central dos sindicatos russos, desafiando uma prova de solidariedade aos 100.000 grevistas de Barcelona, votou uma soma de 100.000 pesetas que será entregue na caixa da comissão da greve

A ocupação do Ruhr
O enviado do papa visitou o barão Krupp
BERLIM, 29.—Comunicam de Colónia que Mons. Testa visitou o barão de Krupp, na prisão, onde se encontra, como é sabido, por motivo dos acontecimentos de Essen e celebrou com ele uma entrevista. Mons. Testa entregou uma carta do cardeal Caspari, secretário do Estado, na qual este declara que conserva as melhores recordações de Krupp, quando este fora conselheiro da embaixada alemã no Vaticano.

Os dramas da politica
C atentado contra Patchitch
BELGRADO, 29.—Causou a maior impressão nesta cidade o atentado contra o presidente do conselho, que saiu ileso. O agressor foi preso imediatamente. Assegura-se nos meios oficiais que se trata dum facto isolado e que não obedece a plano politico algum. Noutros meios afirma-se, entretanto, que este atentado é o indicio da reacção iniciada contra a actividade observada pelo sr. Patchitch relativamente aos partidários de Radich.

O fascismo francês
Maurras e os seus correligionários condenados no tribunal correcional
PARIS, 29.—Os autores de violência contra parlamentares do partido da esquerda foram condenados pelo tribunal correcional do Sena a multas variando de três a quatro meses. Foi também condenado Maurras que protestou violentamente contra a sua condenação.

Comunicações aéreas
A linha Londres-Praga
BERLIM, 29.—Inaugurou-se uma nova linha aérea entre Londres e Praga. Também se anuncia que a companhia de navegação aérea Petrograd-Riga-Moscóvia-Tashkent e Sebastopol-Angora.

O preço do trigo
Nota officiosa da Federação dos Trabalhadores Rurais
A comissão administrativa deste organismo, tendo conhecimento de que se pretende aumentar o preço do trigo de próxima colheita e tencionando fazer um estudo sobre este grave problema, convidou todos os Sindicatos rurais e não federados a fazerem o levantamento das condições de produção, durante o verão, e a fazerem o levantamento das condições de produção, durante o verão.

O VERÃO
É a estação em que se deve cuidar mais da higiene
O «Específico Sudax» é um desinfetante agradável que se deve usar, principalmente no verão, para manter a higiene dos pés, dos sovacos e das mãos; evita a transpiração excessiva e faz desaparecer completamente o cheiro desagradável do suor. Inofensivo para a saúde, portátil e de fácil aplicação. O «Específico Sudax» não contém gordura e não mancha a pele nem a roupa. Útil e indispensável a todas as pessoas que viajam, as que se dedicam ao sport, as que tem de fazer grandes marchas e a todas as pessoas, enfim, que tem uma vida muito movimentada. Caixa, 7500. Correo, mais 500.

Ferrovários da C. P.
A comissão de melhoramentos entregou ontem ao ministro da Via Publica, fazendo-lhe a entrega das reclamações especializadas por secções. Na próxima semana nova demarche se efectuará depois do mesmo, assistindo a entender com a companhia.

JOVENTUDES SINDICALISTAS
Núcleo do Porto—Secção da Construção Civil—Há já bastante tempo que esta secção está num apatia criminoza. Já por varios vezes foi convidada a comissão executiva a reunir sem que até hoje o fizesse. Este organismo revolucionário não pôde continuar assim, salvo se a mocidade da industria quer esquecer todo o seu passado. Mas como só a mesma mocidade dem esclarecer qual as suas intenções, convidamos a mocidade da construção civil, sócios e não sócios, a reunir na próxima sexta-feira, 6 de julho, na rua da Boa Vista, 327-2, para resolver se sim ou não deve continuar esta secção. Igualmente se convidam os militantes operários da industria a quem interesse a oportunidade de comparecer à mesma reunião que principia às 20 horas.

António José de Avila
Na enfermaria de S. Francisco do hospital de S. José encontra-se há bastante dias em tratamento dum enfermidade que merece especiais cuidados o velho militante dos ideais emancipadores António José de Avila. Sabemos que este nosso camarada está com boa disposição e é de esperar que em breve tenhamos o prazer de o abraçar completamente restabelecido.

Uma interessante visita a Valongo

Impressões do nosso enviado especial àquela importante vila.
—Algumas considerações sobre o trabalho e ambiente social

PORTO, 28.—Por necessidade de organização tivemos de ir à vila de Valongo, que dista desta cidade, via caminho de ferro, 16 quilómetros. Esta cabeça de concelho, encravada entre as montanhas que constituem a serra do seu nome, e onde o Sol rebulante faz incidir com toda a violência as ardências dos seus raios fortíssimos, que parece derreterem os pedregalhos, está no mesmo plano de progresso que se via aqui há uma dúzia de anos. Nem sequer a claridade de lamparina ainda lá conseguiu entrar como iluminação pública...

Diz-se há que é uma terra despretada, quicá excomulgada por todos, e que não tivesse qualquer fonte de riqueza a caracterizá-la a fim de auxiliar no seu desenvolvimento e no seu aforamento...

Lá também há uma Câmara Municipal, mas as suas verções pouco se têm preocupado com os benefícios que a terra exige. Nem mesmo as ruas, que se assemelham mais a estradas abandonadas, têm tido aquele cuidado que seria mister que lhe dedicassem. A passagem de qualquer veículo, levantam-se tamanhas nuvens de poeira, que se torna impossível ao viajante enxergar um metro diante do nariz...

O estiolamento da raça — Toda a infância entregue aos arduos trabalhos das minas, que são a sua funesta escola

E todavia, Valongo, que tem por principal monumento um Santo António mal escavado, possui importantes jazigos de lousa, que incomensuravelmente têm enriquecido as suas empresas exploradoras e proprietárias. A empresa inglesa, por exemplo, vai pouco a pouco, invadindo tudo, isto é: comprando as outras empresas.

Ora as minas de lousa, que são a grandiosa riqueza das arejadas montanhas que embelezam, que natural e graciosamente emolduram a terra, são o terror da infância. Em Valongo há, sim, duas escolas, mas elas não são mais que uma não diga que Valongo não tem uma aula do que propriamente pelas vantagens que elas proporcionam.

Quasi todas as crianças de 8 e 9 anos para cima, na idade própria de irem aprender a soletrar o alfabeto da língua de Camões, vão trabalhar para as empresas mineiras, porque os seus pais, auferindo um salário ínfimo, vêm-se coagidos a empregar toda a sua prole nos serviços das minas. Há crianças de 11 e 12 anos, que já descem às profundezas dos poços... Por este facto, que contrasta bem a protecção republicana que os menores têm, se verifica a razão porque em Valongo a quasi totali-

dade da sua população não sabe ler, estando imersa numa ignorância que causa arrepios.

Aqui tem os entusiasmados propagandistas do revigoramento da raça, que para aí andam a cantar lérias farfalhadas, um exemplo bem frizante para tirarem ilacões eloquentíssimas. E' irem a Valongo ver a maneira prática como a raça se levanta através do esqueletamento, o cloroseamento, resultante dum a exploração infame, das crianças valongueiras...

O tratamento dos menores nas fábricas — Um encarregado de indole ferina — Um patrão exemplar

A principal indústria da vila refina-se em fabricas de lousas escolares, entre as quais a do industrial de nome Francisco Maria Palhóto. Na casa deste senhor, que esteve por algum tempo transformada em estúpida casa de correcção, para não dizermos de inquisição, era costume maltratar-se as crianças, por dá cá aquela palha. E' que os processos de banditismo industrial ao de refinado olheiro chegam a toda a parte.

O promotor das caricias para os menores era um tal Lino Marques de Carvalho. Neurasténico, colérico, rancozoso, mal lhe visse que qualquer menor se sorria para outro, desatava-lhe a bordoadas, aos socos, aos pontapés, calava-o e ameaçava-o, por vezes, de o aliar contra a corveia do volante. As principais vítimas da ferocidade daquele cavalheiro, que já foi para outra casa do mesmo patrão, foram os menores António Pereira das Neves e Carlos Pipo.

Os violentos casos originaram escândalo na vila e os processos moderaram-se, pelo menos por agora, um pouco. Em Valongo, há uns operários que, querendo livrar-se da tirania dos patrões, conseguiram trabalhar, em casa, por sua conta, sem terem assalariados de espécie alguma. E' uma coisa muito natural e um direito que ninguém pôde negar.

Mas Francisco Maria Palhóto não o entende assim. Sonhando em terminar com aquele género de emancipados, propoz a uma empresa mineira um contrato para que ela lhe vendesse a ele a lousa, contrato que uma e outra deveria tornar extensivo às outras empresas. Era uma espécie de constituição de monopólio que impediria os tais emancipados de livremente trabalharem.

Tinham de se dirigir ao ganancioso industrial, sob cujas ordens desempenhariam os seus serviços profissionais, já que, para a confecção das lousas escolares, não lhe forneciam directamente matéria prima. Contudo, a empresa repe-

liu a egoística proposta do Palhóto e os seus sonhos coercivos foram por terra...

Mas há mais. O pessoal do industrial Francisco Maria Palhóto está seguro na companhia A Mundial, para efeitos de acidentes no trabalho. Ora tem sucedido, porém, que quando qualquer operário se tem alejado, aquele patrão manda o sinistrado desempenhar outro serviço na fábrica, que lhe dá também lucro. E então dá-se isto: o industrial paga a fêria por inteiro ao artista; mas este, recebendo os dois terços de subsídio da Companhia seguradora, entrega-os integralmente ao industrial...

E', sem dúvida alguma, um abuso e um roubo, e o que é para lamentar é que a inconsciência do proletariado o leve a ser conivente nestes actos imorais... E porque aparece um trabalhador que se não quize prestar a ser comparsa de semelhante burla, ele teve que despedir-se da casa a praticar o desejo ganancioso do sr. Palhóto.

Não entanto, o Palhóto lá conseguiu que a Mundial não procedesse contra ele, ficando o escândalo abafado, embora talvez prosiga nas suas...

Uma greve original dos mineiros A razão do seu gesto e a desculpa da sua precipitação e levandade — Uma reunião na montanha — O que urge fazer-se

Nós fomos a Valongo para um fim muito diverso, embora ele se prendesse com a organização, como acima dissemos. Todavia, tivemos esta surpresa: os mineiros declararam-se em greve, mas fora de todas as praxes sindicais, que desconhecem em absoluto. A declaração da greve foi mesmo originalíssima.

Nas minas apareceram, uns dias antes, umas cartas anónimas em que se dizia que todos os mineiros, a partir do dia 25, deviam abandonar o trabalho, o qual só seria retomado quando as empresas e companhias concedessem 50% nos salários. Chegando o dia aprazado, confiadíssimos em que o autor, ou autores das cartas misteriosas surgisse a tomar a direcção do movimento, principiaram as minas a serem abandonadas. Tercia-feira de manhã, abandonaram, não das minas, mas dos outros serviços; mas de tarde depois de alguma acção directa, a paralisação tornou-se completa.

O mais interessante é que não apareceu ninguém a chefiar a greve, que, por assim dizer, estando no animo da quasi totalidade dos trabalhadores das empresas mineiras, foi espontânea. Os únicos agitadores, menueiros, cabeças de molim, como se diz-se, foram... as cartas...

Porque assim aconteceu, na simpli-

cidade daquela gente, cometeu-se uma grande levandade: é que, no segundo dia de greve, as empresas ainda não tinham recebido qualquer reclamação formulada. Na segunda feira os gerentes supuzeram que se tratava duns restos de S. João. No dia seguinte, porém, viram o contrário.

Não se pôde censurar a precipitação dos mineiros, nem dos operários dos serviços anexos que abandonaram o trabalho por solidariedade. Entre eles, a propaganda sindical e revolucionária não tem sido nenhuma. Isolados naquelas serras desconhecem por completo todas as normas modernas de luta contra o capitalismo. Todavia, no seu íntimo há uma intuição, mal definida ainda para eles mesmos, que os impele à prática dos seus gestos sem orientação. Eles próprios, depois de lhes fazermos algumas observações, juntamente com outros camaradas ferroviários, reconheceram o erro, mas disseram: mas agora, já que estamos em greve, devemos ir até ao fim.

Positivamente, e o que era preciso era emendar o erro, e foi nisso o que se perdeu.

Os trabalhadores das empresas mineiras, de todas as especialidades, tem carreadas de razão. Os ordenados regulam, com um horário de 10 horas pagadas, por 650, os que os ganham. Para um chefe de família poder tirar mais uns centavos a fim de fazer face à vida, tem de trabalhar, além daquelas horas, mais outras extraordinárias, por sua conta.

Há também os chamados serviços de contracto, isto é: se um determinado serviço, no trabalho normal por conta da empresa, pode levar, uma hipótese, 3 dias, o trabalhador toma-o por empreitada e fá-lo em dia e meio ou dois dias, mais trabalhando, bestialmente, definhando-se, cadaverizando-se, desde o romper o dia até o sol já v. muito longe, muito distante...

Um carregador no caminho de ferro, pago por uma das companhias, está muitas vezes desde as 7 até às 22, 23 e 24 horas. Tudo por 7501...

Os trabalhadores, para as empresas, são coisa sem grande importância. Segurança não existe. Se morrer alguém — e quantos desastres não têm sucedido? — a companhia, a empresa dá à família, e por esmola, como é costume deitar à cara, uns 20000 nos primeiros dois meses; depois, governam-se como puderem: as crianças que venham para o trabalho, dar cabo do corpo, e as mulheres também.

Os serviços dos soleiros é feito, de verão, sob os raios ardorosos do sol, sob cuja acção também estão sujeitos os menores que chegam a lousa e arrumam os soleiros; de inverno, mesmo debaixo de chuva, para refrescar as

memórias. Não há nenhum resguardo, nenhuma atenção há para os desgraçados. Os trabalhos de aplainagem fazem-se entre nuvens de pó negro que a lousa larga, e são o alimento mais farto que os operários desta secção engolem...

Pois apesar dos trabalhos mineiros exigirem uma recompensa condigna para que os produtores possam ter um bom tratamento, a fim de resistir convenientemente à penosidade do labor — os ordenados são uma miséria, devido à exploração descaçável...

E, no entanto, as empresas enriquecem descomunalmente: basta-lhes o agio do dinheiro recebido dos produtos que exportam, para pagarem todas as despesas com os salários e todos os outros dispêndios que se fazem com o movimento das minas. E' que elas, pelas suas exportações, recebem em ouro sómente...

As empresas podem, pois, conceder os 50 por cento sobre os actuais salários, tanto mais que elas já aumentaram, no curto espaço de mês e tal, uns 70 por cento aos preços dos produtos, de cujo aumento o pessoal nada usufrui.

Como acima dissemos, os mineiros não tinham, ao segundo dia de greve, ainda apresentado as suas reclamações. Ora para que o movimento tomasse outra directriz, aconselhámos a que os grevistas efectuassem uma reunião num determinado ponto da montanha. Assim se fez, ficando nomeada uma comissão de sete membros encarregada de apresentar as reclamações às empresas. Explicamos o caminho a seguir e fez-se um pouco de propaganda sindicalista, ao que auxiliou também um camarada ferroviário. Isto deu azo a que se descesse na vila que o gesto dos mineiros fora obra dum comissão de quatro indivíduos estranhos, a que se vicia apegar um delegado do Porto, chegado terça-feira, motivo porque a greve se tornara total...

Em conclusão

Em conclusão: em Valongo não há movimento sindical algum, a despeito de tantas centenas de trabalhadores das minas.

Estes já tiveram em tempos uma associação, a que a União dos Sindicatos Operários desta cidade prestou o seu concurso. Bastou, porém, aparecer um tesoureiro-burlesco para tudo se desmoronar. Mas pensa-se novamente num sindicato dos mineiros e é para isso que no domingo se realiza em Valongo um comício, onde irão delegados da Delegação Confederal do Norte, da U. S. O. e da União Ferroviária. E, na verdade, a propaganda faz-se sentir e é preciso que ela se faça, porque isto tudo está muito velho...

A festa da flor

Já atingiu a importante verba de cento e cinquenta e quatro contos para a Cruz Vermelha Portuguesa, continuando a organizar-se em muitas terras com o mesmo fim, sendo metade para esta Instituição e metade para as Misericórdias locais.

As últimas verbas recebidas na sede da Cruz Vermelha em Lisboa são: de Leiria, 1.600\$00; de Giza, 1.602\$62; de Souzela, 1.100\$00; Benavente, 700\$62; Campo Maior, 600\$00.

Tem-tido grande procura a pequena brochura que a Cruz Vermelha editou incluindo, depois a mensagem aos aviadores, os nomes de todas as pessoas que se inscreveram com este fim, sócios da mesma instituição.

Os sócios que ainda não tem bilhete de identidade definitivo devem ir ou mandar trocar à sede, Praça do Comércio.

Festa de Solidariedade em auxílio de "O Desperiar"

Já foram postos à venda, ao preço mínimo de 150, os bilhetes para a festa de solidariedade que o Núcleo da Mocidade Sindicalista de Lisboa, promove no próximo dia 8 de julho, a favor do seu órgão na imprensa, O Desperiar, e que se realiza no Centro Socialista de Lisboa.

Atendendo à natureza da festa e ao passado de solidariedade absoluta das Juventudes Sindicalistas, é de esperar que os bilhetes se esgotem rapidamente.

Os bilhetes encontram-se à venda na sede do Núcleo e suas secções e no Continuo da G. T.

DESPORTOS

BOX

Os grandes combates de box

Hoje, às 21,15 da noite, no Coliseu dos Recreios, em festa da F. P. de B., realiza-se uma importante «soirée» da qual faz parte o combate Basilio de Oliveira-Tavares Crespo, no limite de 10 «rounds» de 3 minutos.

Asilo Maria Pia Sport Club

Terminam hoje, sábado, as festas da inauguração deste club, rua de São Gens, 11, à Orçê, realizando-se às 20 horas uma «soirée», leilão de quermesses, tómbola e outros divertimentos, sendo a entrada sómente para os sócios acompanhados de senhoras de sua família.

Federação Socialista de Desportos Atléticos

O Directório da Federação Socialista de Desportos Atléticos, tendo em vista o espírito desportivo e a honesta disciplina que deve ser a base de todas as suas manifestações, resolveu anular a inscrição de todos os concorrentes ao Campeonato Federal de «Box» e abrir uma nova inscrição que encerrará no dia 4 de julho, realizando-se a primeira sessão em 5 às 21 horas.

As verbas relativas à primeira inscrição dos concorrentes que novamente se inscreverem serão entregues pelo tesoureiro da C. E. A. até 3 de julho.

Trabalhadores: LEDE «A BATALHA»

PARTE QUINTA

Conclusão

Presenciaste a meditação dos ascetas? Pois eles repelem o Talmud, o Alcorão e a Bíblia; não aceitam nenhum dos Vedás, compreendendo que o verdadeiro livro se abre ao fundo dos céus, e que brilha no azul cheio de astros o texto deslustrado de espanto ou de alegria. Contemplando o que não tem limites, nem idade, nem sítio, absorvido na visão de Deus, obrigam-se, cada um só na sua espécie, no fundo da sombra espessa, fazendo todos o mesmo esforço para voar para o desconhecido.

Um antigo sepulcro, de que parece o cadáver, outro sentado no buraco que um raio produziu no tronco colossal de um cedro centenário; outro, lívido e nu, vivendo no concavo que formam os penhascos todos eles mudos, deixando de dele se aproximem as feras, e não os importam nem o tigre que ruga, nem a ave que voa.

O deserto viu-os sempre agachados, sem se moverem, sem saltarem um único suspiro. Não tem fome nem sede. Se o pensamento pudesse ser tangível nos olhares ver-se-ia nos ascetas o nada, a eternidade, o mundo e o enigma (que é tanto mais lúgubre quanto mais se sonda) cair das suas fronteiras sombrias.

Meditam, nem vivos nem mortos, como espectros pensantes, na sorte enganadora e na morte impossível. Passa o verão; o inverno lança sobre eles

A BATALHA

NA PROVÍNCIA NOS ARREDORES

GUARDA

27 DE JUNHO

O Montepio Egitanense

Final deu-se o que era de prever na assembleia geral do Montepio Egitanense. Foram abaixo todas as resoluções da assembleia anterior, resoluções que punham em risco a existência da humanitária instituição e destruíam quasi de todo as regalias dos sócios.

A direcção, pela boca do seu presidente, dr. sr. Felizardo Saraiiva, houve por bem transferir ao espírito da assembleia, não fazendo do assunto questão de vida ou de morte, como o fizera da primeira vez, porque, de contrário, teria dado uma formidável cambalhota e estatelar-se-lhe a desastrosamente.

Foi uma hábil maneira de ficar de pé, bem que um tanto cambalhota. Transigir com os adversários, no momento do perigo, é prudente. No caso em questão não foi só prudente, foi sensato, pois as medidas defendidas pela direcção não tinham defesa possível, eram tudo quanto havia de mais incongruente e anti-humanitário.

O que tem a sua piada, o sen que de caricato, é que a direcção não se considerava vencida numa notícia que se lê na Pátria! Antes pelo contrário... Então, se a proposta da direcção, da assembleia anterior, foi inteiramente posta de parte, considerando-se nulo o resolvido em relação a ela, que vem isso a significar? Não se pode imaginar uma derrota mais eloquente, mais cabal.

Houve só uma diferença. E' que a direcção sofreu a derrota resignada. Isso significou lam sómente ter-se conformado com a razão, o que, diga-se, não é desprezível.

Foi aumentado o subsídio aos doentes e incapazes a quota reduzida a 30 centavos semanais. Foram suprimidas as especialidades, que ao que se dizia, só certas pessoas as recebiam.

Vá lá que triunfou desta vez a razão, o que raramente sucede, em especial quando a política desce para a terra e se aterra na frente dos homens de são critério ou daqueles que trabalham para a humanidade, esquecendo os vis egoísmos.

Para um monumento

Realizou-se no liceu desta cidade a festa anunciada em benefício do monumento a construir ao falecido Dr. Pravezo, que consistiu de iluminações, danças e descantes pelos alunos das primeiras classes, concerto pela banda de infantaria 12, bazar, etc., e da qual se espera uma receita de oito contos.

Não desgostámos da festa, tão bizarra e hábilmente organizada, merecendo louvores o corpo docente do liceu, que soube pôr, tam bem, em prática uma ideia simpática, com um fim igualmente simpático.

As habilidades dos mestres de obras

Encontrámos, há dias, um operário da construção civil desta cidade, que nos contou as mais espantosas e revoltantes coisas a respeito da exploração exercida sobre os operários pelos mestres encarregados de obras.

Há mestres que tiram 1500, 2500 e 2500 por dia aos indivíduos que andam sob as suas ordens ou direcção, mas tiram-no do salário, sem que o patrão saiba do caso, pois as folhas são hábilmente falsificadas, visto que figuram nelas verbas que os operários não recebem.

Isto é revoltante e parece até inacreditável. Parece inacreditável pela injustiça que representa e pela inconsciência que revela da parte dos trabalhadores.

Então é possível que os operários se deixem assim explorar tão descaradamente? E' possível que eles constintam, sem um protesto geral, sem revolta, que o seu salário seja diminuído dessas importâncias, em benefício do patrão e dos mestres?

Caramba! Se isso é possível, eu já não sei se vale a pena pregar aqui constantemente contra a injustiça, porque os resultados são nulos, porque os operários, aqueles que a nossa pena defende, são os próprios a tolerar os seus males e os mais calçados de que eles se dilatam e se tornem mais duros.

Os operários que rellitam no que está succedendo, e procuram dar-lhe um remédio, se possível for, pois se não pode admitir-se a atitude dos mestres, menos pode conceber-se o estado de passividade das vítimas, que não têm o direito de emancipar-se senão quanto tiverem a consciência, a liberdade de condicionar de front a guarda, as iniquidades que os oprimem. — C.

TRABALHADORES: LEDE «A Batalha»

Lisboa na rua

A rua

COIMBRA, 28.—tios

cidade que, como 13 do hospital de de todos os dias um rada Rui Marre e que a todos inde Aquilino Marre. E' certo que de venção, encerra um escandaloso, eba e residente na do hábito passa-se 39, ric, que numa es a quem interpenetrar, na rua Actor

aborda em Campolide, foi ferido com um prego no pé direito.

— Na mesma enfermaria deu ontem entrada João de Almeida, de 28 anos, marítimo, residente no Beco do Belo, 16, 3.º, que a bordo do vapor Extremadura, quando em viagem para Africa Oriental, há cerca de 3 meses, deu uma queda ficando contuso no corpo.

Da janela à rua

No banco do hospital de S. José recebeu ontem curativo António Pereira Lourenço, de 9 anos, residente no Beco da Boa Vista, 10, que caiu à rua da janela do 1.º andar do prédio n.º 81 da rua Coelho da Rocha, onde é servida, e quando ali estendia uma porção de roupa ficando ferida no rosto.

Agressão

No banco do hospital de S. José recebeu ontem curativo António Fortuoso da Silva, de 37 anos, sapateiro, residente na rua Castelo Branco Saraiiva, 3, loja, que na quinta de Santo António foi agredido, ficando ferido no hombro direito.

Quedas

No banco do hospital de S. José recebeu pouco depois dal ter dado entrada Tomás Rodrigues Pereira, de 21 anos, natural e residente em Alvalde (Louses), que na praia das Máscas deu uma queda fracturando a base do crânio.

— Na enfermaria n.º 2, do hospital de Arroios, deu ontem entrada José Alves Pinheiro, de 11 anos, filho de Francisco de Almeida e de Elvira Pinheiro, residente no pátio dos Peixinhos, 33, loja, que no dia 23 último deu uma queda no Vale Escuro, ficando contuso pelo corpo.

— No banco do hospital de S. José recebeu ontem curativo António Mesquita, de 28 anos, empregado no comércio e residente na rua da Mouraria, 51, 1.º, que na rua da Penha de França caiu de uma «side-car», ficando contuso pelo corpo.

No banco do hospital de S. José recebeu ontem curativo Venâncio dos Santos, de 27 anos, natural da Lourinhã, marítimo, residente na rua do Diário de Notícias, 70, que no Rossio foi colidido por um automóvel, ficando contuso na perna direita.

— Na enfermaria de S. Francisco, do mesmo hospital, deu ontem entrada, Matias Henriques, de 48 anos, servente residente na rua Gama Braga, em Setúbal, que ali foi colidido por uma carroça, no dia 19 de Abril último, fracturando a perna direita.

Teorias de caserna

Preparando os ânimos contra as classes trabalhadoras

Nos postos da guarda fiscal, é costume, em determinados dias, os seus comandantes fazerem umas preleções, que se chamam «teorias», aos seus subordinados. Pois na quinta-feira, a «teoria» do comandante do posto de Belém foi contra a organização operária.

Este comandante, que é um sargento chamado Lourenço, mas não é de Braga porque é oriundo do Algarve, em gesto teatral, arengou assim aos seus subordinados:

— Está para dar-se em breve uma sublevação. Se encontrardes operários no vosso caminho, dai-lhe baixo, porque eles são os nossos inimigos. A Confederação Geral do Trabalho é composta de parasitas, porque não trabalham; entram para as oficinas e não fazem nada.

Vocês é que trabalham para eles, e se não, vejam quando estão no posto de sentinela, ao vento e ao sol, eles largam a meia tarde.

E termina iracundo:

O que o sr. Lourenço não disse, é que o ordenado dum sargento tinha a diferença do de um cabo, da quantia de 1800 por mês e hoje faz a pequena diferença de 300\$00!

Belas «teorias» pregam estes senhores...

N.º 8 30 DE JUNHO DE 1923

VÍTOR HUGO

FOLHETIM DE «A BATALHA»

RELIGIÃO E RELIGIÕES

Mortais, necessitados de sacerdotes sejam como forem. Através dos mais obscuros, enxamiam as verdades, vertem sobre vós alguma claridade até os mais abjectos; mas para derramar mais tarde sobre a humanidade na sua idade provecta a palavra de amor, que murmura o futuro o céu coloca sobre eles em altos e brilhantes degraus os videntes directos, os sábios inspirados. O homem cria o sacerdote; só Deus produz o mago.

O homem, ser misto, de fronte sublimada e de pés impuros, vai-se sempre fazendo e transformando. Cada idade progredie. Vê-se sobre cada um dos degraus do sombrio espírito humano, ascendendo da sombra até Deus, um templo no qual vai aumentando o casto fogo do amor, ao passar de uma ceração mais negra para uma atmosfera mais pura.

E cada novo templo, seja grego, ju-

deu ou egípcio tem a sua base ao nível do cume do anterior. Sobre o que se levanta continua subindo outro e o frontão mais alto chega a perder-se nas nuvens.

Outra voz — Crês, porventura, que o desconhecido seja um ser do qual o teu pobre cérebro possa formar ideia? Criatura de que desborda o ser absoluto, homem a quem assombrava o grão que germina num sulco, quem deslumbra a purpura das águas duma borboleta, a quem faz tremer um choque de espuma, se o que vês te assusta e te faz passar, como poderias suportar o que não vês? Não poderias suportar a vista do abismo, em que a realidade se confunde com a quimera, num aspecto do insólvel e de inacessível, nem a parte terrível e tenebrosa do universo fluctua entre o espírito e que se perde entre a bruma.

Outra voz — Quando sentimos que se

move o laço universal, que liga o átomo mais pequeno ao ser mais desmesurado que o abismo vi nasce; quando se agitam os gérmenes confusos nas profundas sombras, destruindo e produzindo mundos, fazendo e desfazendo sem saber; quando o espaço parece que se move muito mais além das nuvens pela aparição repentina das inúmeras e desconhecidas estrelas; quando o céu treme, quando o ar silva, quando o bosque murmura, quando a ave no seu ninho entoa um canto cujo sentido a própria ignora, a imensidade do facto prodigioso deixa atônitos a sombra, a luz, os olhos, os choques, o tempo, o espaço, o seu ponto de partida está tam longe, que tudo tem que ser agente e nada pode ser testemunha.

Outra voz — Dante escreveu dois versos que se falaram um ao outro; o primeiro disse: «Os céus estão abertos; logo sou imortal».

«Eu sou perecedouro», respondeu o outro — «Eu sou astro» — «Eu sou grão de areia» — «Duvidas, os meus filhos de Deus?» — «Compreendo que sou mortal».

«Pois eu compreendo que sou eterno».

Depois, de escritos esses dois versos, Dante tornou a lê-los; conservou o primeiro e apagou o segundo.

Um morreu, e o outro vive. Ambos tinham razão.

PARTE QUINTA

Conclusão

Presenciaste a meditação dos ascetas? Pois eles repelem o Talmud, o Alcorão e a Bíblia; não aceitam nenhum dos Vedás, compreendendo que o verdadeiro livro se abre ao fundo dos céus, e que brilha no azul cheio de astros o texto deslustrado de espanto ou de alegria. Contemplando o que não tem limites, nem idade, nem sítio, absorvido na visão de Deus, obrigam-se, cada um só na sua espécie, no fundo da sombra espessa, fazendo todos o mesmo esforço para voar para o desconhecido.

Um antigo sepulcro, de que parece o cadáver, outro sentado no buraco que um raio produziu no tronco colossal de um cedro centenário; outro, lívido e nu, vivendo no concavo que formam os penhascos todos eles mudos, deixando de dele se aproximem as feras, e não os importam nem o tigre que ruga, nem a ave que voa.

O deserto viu-os sempre agachados, sem se moverem, sem saltarem um único suspiro. Não tem fome nem sede. Se o pensamento pudesse ser tangível nos olhares ver-se-ia nos ascetas o nada, a eternidade, o mundo e o enigma (que é tanto mais lúgubre quanto mais se sonda) cair das suas fronteiras sombrias.

Meditam, nem vivos nem mortos, como espectros pensantes, na sorte enganadora e na morte impossível. Passa o verão; o inverno lança sobre eles

todos os seus furores, mas continuam contemplando o firmamento obscuro e na profundidade do seu aniquilamento, abismam-se embrutecidos pelo ideal.

Correntes desconhecidas do infinito vão-nos reanimando à medida que o homem se extingue pelas. O monstruoso furacão fala-lhes pelas noites, como o celebrante fala ao catechismo e os selvagens espíritos acabam por perder a forma humana.

A água diz-lhe uma palavra ao ouvido, à passagem; às vezes fazem sinais ao raio quando desce, e extáticos, fixos, procurando o inacessível, resplandecem-l

